

# Pensando bem

Estudos de sociologia  
e antropologia da moral

320  
P 418

## Organização

Alexandre Werneck

Luís Roberto Cardoso de Oliveira



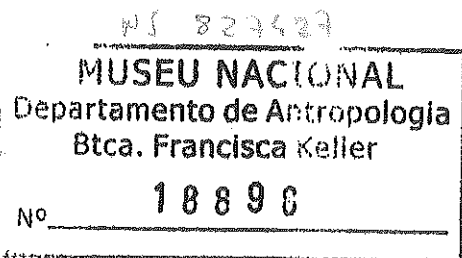
Copyright © 2014 Alexandre Werneck e Luís Roberto Cardoso de Oliveira  
Copyright © 2014 Casa da Palavra  
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998.  
É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Copidesque  
CLARISSA PEIXOTO

Revisão  
TIAGO RAMOS

Capa  
D29/LEANDRO DITZ E SÍLVIA DANTAS



Projeto gráfico de miolo e diagramação  
ABREU'S SYSTEM



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P467

Pensando bem: estudos de sociologia e antropologia da moral / Alexandre Werneck... [et al.]; organização Alexandre Werneck, Luís Roberto Cardoso de Oliveira. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

544p. ; 23 cm.

Inclui bibliografia  
ISBN 978-85-7734-271-6

I. Ciência sociais. 2. Antropologia. 3. Sociologia. I. Werneck, Alexandre. II. Werneck, Alexandre. III. Oliveira, Luís Roberto Cardoso de. IV. Título.

14-16540

CDD: 320  
CDU: 32

CASA DA PALAVRA PRODUÇÃO EDITORIAL  
Av. Calógeras, 6, sala 701, Centro  
Rio de Janeiro RJ — 20030-070  
21.2222-3167 21.2224-7461  
divulga@casadapalavra.com.br  
www.casadapalavra.com.br

# Sumário

Favor não fazer anotações ou grifos  
à tinta ou lápis nesta publicação

*Apresentação: Pensar (o) bem*  
ALEXANDRE WERNECK E LUÍS ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA ..... 7

## Debates

*Sociologia da moral, agência social e criatividade*  
ALEXANDRE WERNECK..... 21

*Concretude simbólica e descrição etnográfica  
(sobre a relação entre antropologia e filosofia)*  
LUÍS ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA ..... 44

*Sociologia da moral, ação coletiva e espaço público*  
JUSSARA FREIRE ..... 71

*A moral em questão: a conformação de um debate em antropologia*  
PATRICE SCHUCH ..... 92

*Moralidades possíveis e o sujeito como multiplicidade de práticas:  
um campo aberto de questões*  
LEONARDO SÁ..... 107

*Dos códigos aos repertórios: alguns atavismos persistentes  
acerca da cultura e uma proposta de reformulação*  
GABRIEL D. NOEL..... 117

## Gramáticas, sentidos e dispositivos morais

*O drama moral de certa pedagogia feminista*  
HELOISA BUARQUE DE ALMEIDA ..... 133

*Produzindo moralidades: dilemas, polêmicas e narrativas em terras  
do “agronegócio”*  
JOHN COMERFORD..... 156

*Magia e moralidade: o caso dos “trabalhos de amor” nos terreiros de umbanda*  
KELSON GÉRISON OLIVEIRA CHAVES E MARCOS ALEXANDRE DE SOUZA  
QUEIROZ ..... 182

<i>Sob a ótica do feminino: raça e nação, ressentimentos e (re)negociações na África do Sul pós-apartheid</i> LAURA MOUTINHO.....	205
<i>Um valor de múltiplas faces: a construção da “pequena” e da “grande” honras entre trabalhadores em minas de carvão no Brasil e na França</i> MARTA CIOCCARI .....	226
<i>Aspectos sociológicos da fofoca</i> PEDRO PAULO DE OLIVEIRA.....	251
<i>“Cumprir a minha missão”: dádiva, sacrifício e reconhecimento</i> PRISCILA GOMES DE AZEVEDO .....	277

## **Violência, identidades e moralidades criminais**

<i>Globalização no crime: cultura ou etos?</i> ALBA ZALUAR.....	305
<i>Pelo certo: o direito informal do tráfico em favelas cariocas</i> CAROLINA CHRISTOPH GRILLO.....	337
<i>O “problema” do bandido: subjetividade e “violência urbana” no Rio de Janeiro</i> CESAR PINHEIRO TEIXEIRA .....	367
<i>O círculo da acusação: o linchamento como processo de indiscutibilidade da negatividade moral do ato e cena de punição sem limites</i> DANIELLE RODRIGUES.....	389
<i>Sobre o significado do policiamento comunitário: uma análise dos accounts empregados pela Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (1980-2000)</i> LUDMILA MENDONÇA LOPES RIBEIRO .....	409

## **Direitos, política e vida pública**

<i>“Ajuda”, “compra de voto” e reconhecimento: as fronteiras agonísticas da moral na política</i> IRLYS ALENCAR F. BARREIRA E CÉSAR BARREIRA.....	455
<i>Os limites da “identidade”: uma etnografia das demandas de reconhecimento na França e no Brasil</i> FABIO REIS MOTA.....	483
<i>Funcionalismo público e política local: contextualizando e discutindo “mérito” e “competência”</i> GABRIELA DE LIMA CUERVO .....	501
<i>Hipossuficiência: mapeamento dos sentidos da categoria no campo jurídico brasileiro</i> LUIZ EDUARDO FIGUEIRA E REGINA LÚCIA TEIXEIRA MENDES .....	523
ORGANIZADORES .....	537
AUTORES.....	539

# Apresentação

## Pensar (o) bem

ALEXANDRE WERNECK E  
LUÍS ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA

**E**ste livro é produto de três anos de debates no grupo Sociologia e Antropologia da Moral, primeiramente na forma de Seminário Temático, posteriormente como Grupo de Trabalho, no âmbito dos encontros anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs). Tínhamos como objetivo nesses encontros estimular pesquisas e discussões sobre as possibilidades de tomar a moral e a moralidade como focos privilegiados de estudo pelas ciências sociais. Ao longo desse período, consolidou-se toda uma nova agenda de debates sobre como diferentes dimensões da vida social podem ser lidas sob a ótica da questão da moral ou de questões de ordem moral, no sentido amplo do termo, e de maneira dissociada de perspectivas moralistas ou normativistas, orientadas por parâmetros predefinidos sobre o dever ser.

Embora a moral sempre tenha sido um tema importante para a sociologia e para a antropologia ao longo da história dessas disciplinas, não tem havido, no passado recente brasileiro, muitos esforços para a realização de pesquisas empíricas nesta área, especialmente aquelas de caráter etnográfico e/ou qualitativo, centradas na compreensão do fato moral como tal, no plano fenomenológico, tendo como referência situações em que os atores se defrontam com os desafios propostos por uma vida cotidiana, ela própria moral.

## Produzindo moralidades: dilemas, polêmicas e narrativas em terras do “agronegócio”<sup>1</sup>

JOHN COMERFORD

### A região e suas transformações

No início dos anos 1970, o Alto Paranaíba, em Minas Gerais, estava longe de ser uma região isolada, pois fica próxima ao eixo de transportes ligando São Paulo a Brasília e Goiânia. Mas também estava longe de ser uma região pujante. Nunca havia tido grande destaque em termos econômicos. Caracterizava-se então por cidades pacatas e uma área rural formada por fazendas que dividiam suas áreas entre as chamadas “terras de cultura”, mais acidentadas e férteis, nas quais se produzia milho, feijão, mandioca, criavam-se porcos e galinhas e se concentrava o gado na estação seca; e as áreas de cerrado, no topo plano das chapadas, pouco férteis, que serviam para coletar frutos, lenha e forneciam pasto para o gado na estação chuvosa. Nessas fazendas moravam agregados e meeiros, por meio de acordos com os donos, estabelecendo relações bastante personalizadas e próximas. Desde os anos 1960, porém, isso já estava mudando, com

<sup>1</sup> A pesquisa que deu origem a este texto faz parte do projeto *Sociedade e Economia do Agronegócio*, coordenado por Beatriz Heredia, Moacir Palmeira, Sérgio Leite e Leonilde Medeiros, que contou com apoio financeiro da Fundação Ford e do CNPq. Conte também com apoio da Faperj. Sobre o projeto, ver HEREDIA, Beatriz; Palmeira, Moacir; Pereira Leite, Sérgio. “Sociedade e economia do ‘agronegócio’ no Brasil.” *Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBCS)*, vol.25, n.74, 2010, pp.159-176.

os fazendeiros pressionando pela saída de meeiros e agregados, e com a maior especialização das fazendas na pecuária.<sup>2</sup>

Mas a “grande transformação” veio no início dos anos 1970, com os projetos de incentivo do governo à agricultura moderna, tecnificada e em larga escala nas terras até então pouco valorizadas dos cerrados. Planas e mecanizáveis, porém de baixa fertilidade, essas terras puderam começar a ser aproveitadas para a agricultura a partir da incorporação de tecnologias desenvolvidas pela pesquisa agrícola oficial, que viabilizaram a correção dos problemas de fertilidade e o desenvolvimento de variedades adaptadas das principais culturas comerciais. Com esses projetos, gestados e implementados pela tecnoburocracia dos governos estadual e federal, e apoiados por acordos internacionais com o Japão, as terras das chapadas foram vendidas pelos antigos donos de fazendas por um preço bastante baixo aos novos empreendedores agrícolas atraídos para a região, ou para a implantação de projetos oficiais de colonização dirigidos a agricultores considerados “vacionados” para a agricultura comercial em larga escala. E houve uma forte injeção de crédito subsidiado para plantar nos cerrados.

Esses agricultores e empreendedores, que em poucos anos derrubaram o cerrado e o substituíram por imensas plantações, inicialmente de arroz e soja, depois também de milho, café, trigo, hortaliças, eram, em geral, do Paraná, do Rio Grande do Sul e de São Paulo. Houve uma considerável heterogeneidade entre os que foram atraídos para as oportunidades aí abertas, mas uma importante parcela deles era formada por pequenos agricultores. Uma parte deles, descendentes dos imigrantes italianos e alemães dos estados do Sul. Mais numerosos, porém, foram os descendentes de famílias de italianos, espanhóis e japoneses, trazidos para trabalhar como “colonos” nas grandes fazendas de café de São Paulo, que ao longo do tempo e das gerações adquiriram pequenas áreas, participando a partir dos anos 1940 da expansão rumo ao norte do Paraná.<sup>3</sup>

Outros agentes também se juntaram nesse processo: empresas, grandes proprietários rurais mineiros e paulistas, comerciantes e profissionais liberais locais, agrônomos paulistas e mineiros. Com isso tudo, nos anos

<sup>2</sup> LINHART, Ana Maria Galano. “Êxodo rural, fazendas e desagregação.” *Estudos Sociedade e Agricultura*, n.19, 2002.

<sup>3</sup> MONBEIG, Pierre. *Pioneiros e fazendeiros em São Paulo*. São Paulo: Flucitec, 1984; CANCIAN, Nadir. *Cafecultura paranaense, 1900-1970*. Curitiba: Grafipar, 1981.

1980 e, com maior vigor, nos 1990, a região transformou-se muito: de uma região “atrasada” com estradas de terra e, no dizer de um grande cafeicultor de origem paulista, “economia de escambo”, passou a ser considerada emblemática da moderna agricultura (nos anos 1990 passou-se a dizer *agronegócio*), contando com todo aparato técnico, comercial, financeiro e científico ligado à agricultura em larga escala e dirigida para a exportação, bem como criando importantes canais políticos de representação junto ao governo.<sup>4</sup> Nos municípios da região, a centralidade da atividade cafeeira e a importância social alcançada pelos *cafeicultores* (geralmente qualificados como *paranaenses*) generalizaram o envolvimento com tudo o que diga respeito ao café, espalhando a “paixão pelo café” para além dos seus produtores e colocando a figura do *cafeicultor* no centro da cena social local.

Com o surgimento das lavouras de café em larga escala, milhares de trabalhadores rurais passaram a incluir essa região no seu circuito de busca de *serviço*, principalmente para o trabalho na colheita de café (hoje, porém, cada vez mais mecanizada). Às vezes chamados genericamente de *baianos*, mas invariavelmente considerados *gente de fora* mesmo depois de fixarem residência há anos nas periferias das cidades, estigmatizados como violentos, rudes e inconstantes, são geralmente originários do norte de Minas Gerais e de vários estados do Nordeste.<sup>5</sup> Alguns ficam alojados nas próprias fazendas; outros alugam, em grupos, casas nos bairros periféricos das cidades da região; ou hospedam-se com parentes que por ali se fixaram. Outros ainda frequentam, por um tempo restrito, instituições como o abrigo mantido pela prefeitura de Patrocínio.<sup>6</sup>

<sup>4</sup> Nos anos 2000, Patrocínio, município que acabou por se tornar o centro da economia cafeeira do Alto Paranaíba, havia se tornado o segundo maior produtor de café arábica do Brasil (por um momento chegou a ocupar o primeiro lugar) e a região se tornou a segunda maior região produtora do maior estado produtor de café.

<sup>5</sup> NOVAES, Roberta. *Gente de fora: Vida e trabalho dos assalariados do café em uma região de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: e-Papers, 2011.

<sup>6</sup> Cabe observar ainda que, durante a colheita do café, muita gente da própria região, moradores das cidades ou da roça que ao longo do ano vivem dos mais variados trabalhos (construção civil, comércio, trabalhos domésticos, estudantes, pequenos sítiantes etc.), mobilizam-se para trabalhar temporariamente na atividade cafeeira, aproveitando a oportunidade de uma renda adicional.

Para o que nos importa discutir, é fundamental observar que essa dinâmica, ao longo desses anos, representou oportunidades de enriquecimento, mas certamente não para todos, contrastou o sucesso produtivo e financeiro de alguns dos novos habitantes com a modéstia da agricultura anteriormente existente e com a pobreza dos que buscam trabalho na colheita, e também trouxe casos de perda de fortunas em função de dívidas ou apostas erradas no mercado de café. Mais do que isso, esse encontro mais ou menos contingente de moradores de cidades pacatas e fazendas mineiras, de camponeses sulistas em busca de terras para permitir a suas famílias *ir para a frente*, de empresários e outros agentes procurando oportunidades comerciais e financeiras, de médios e grandes produtores buscando diversificação de local e produto, de trabalhadores-camponeses em busca de *serviço*, de comerciantes, técnicos e demais funcionários do setor de serviços voltado para a grande agricultura, de cientistas de instituições de pesquisa, tudo isso em uma situação de grande circulação de dinheiro, levou a um cotidiano atravessado por uma reflexão e uma retórica moral sobre riqueza, trabalho, família, moradia, agricultura, e assim por diante.

### Alguns focos de interesse e preocupação moral

Para muitos dos que foram ali reunidos por essa dinâmica, a acelerada criação e circulação da riqueza marca um forte contraste com uma situação anterior relativamente mais simples e rústica (ainda que muitos assinalem a *fartura* da “vida na roça”). Para quase todos, também, a vida anteriormente, ali ou nas respectivas regiões de origem, se passava mais entre conhecidos, vinculados por laços de parentesco e vizinhança relativamente bem estabelecidos. Não que tais laços tenham deixado para trás sua importância – há muitas evidências do contrário –, mas a atual situação implica o encontro, de certo modo súbito, de mundos sociais estranhos, antes apartados geograficamente e socialmente. Outro contraste recorrentemente assinalado é entre os tempos do trabalho braçal na roça – experiência comum a muitos e geralmente a forma de trabalho mais evocada como qualificativo moral – e a atual mecanização e quimificação das tarefas agrícolas, que em grande medida dispensam o esforço físico (a não

ser em momentos específicos do ciclo agrícola, como a colheita). Diante de tais mudanças e estranhamentos, surgem com especial intensidade dilemas e polêmicas morais – relativos a critérios éticos do bem viver, às expectativas de respeitabilidade, à hierarquia dos diferentes tipos de obrigação, às modalidades de afirmação do bom caráter pessoal e familiar, e assim por diante. Coloca-se em jogo o sentido e a inteligibilidade moral das ações alheias e próprias, e constroem-se modalidades (não necessariamente congruentes) de conhecimento e de compreensão do próprio mundo social em transformação, delineando círculos que compartilham em alguma medida uma perspectiva moral, círculos estes não necessariamente estáveis e certamente com diferentes pesos na sociedade local.

Abordarei inicialmente alguns dos focos de problematização moral que foi possível perceber na pesquisa de campo. O leque desses focos poderia ser ampliado, e nem todos serão discutidos com a mesma atenção nos limites deste trabalho. A intenção é apenas apontar algumas dessas áreas ou temas interessantes e problemáticos do ponto de vista de alguns dos atores, antes de apresentar indicações sobre situações ou tipos de eventos que favorecem ou induzem a realização de julgamentos morais.

Cabe ressaltar que as observações estão claramente enviesadas por uma pesquisa de campo realizada basicamente entre médios e grandes cafeicultores oriundos do Paraná e de São Paulo, sobretudo entre os homens, complementada aqui pelas observações de trabalhos de outros membros da equipe seja entre pequenos produtores originários do Paraná,<sup>7</sup> seja entre empreiteiros de mão de obra ou trabalhadores e trabalhadoras residentes em um bairro periférico.<sup>8</sup>

### ***Ambição ou sossego***

O mais evidente eixo de questões morais nas conversas realizadas ao longo do trabalho de campo foi o que se constrói em torno do contraste entre *ambição* e *sossego*. Em muitas circunstâncias, esse contraste sobrepõe-se àquele entre *paranaenses* e *mineiros*. Eventualmente pode adquirir uma

<sup>7</sup> SOUZA JR., Hailton Pinheiro. *O lugar do progresso: Família, trabalho e sociabilidade em uma comunidade de produtores de café do cerrado mineiro*. Rio de Janeiro: e-Papers, 2011.

<sup>8</sup> NOVAES, op.cit.

tonalidade étnica de contraste entre paranaenses descendentes de europeus ou orientais, e mineiros “misturados” (para não falar nos baianos “morenos”). Ou ainda, pode surgir quando se contrasta paranaenses que ficaram no Paraná e os que vieram para essa região ou outras (como o Mato Grosso).

Esse contraste poderia ser lido como a oposição entre o “trabalhador” e seu oposto, o “preguiçoso”, mas *ambição* é uma palavra bastante mais ambígua, assim como *sossego*, o que torna a evocação desses termos mais interessante. Se o *ambicioso* certamente é trabalhador, e nesse sentido positivamente valorizado, a palavra pode sugerir a “vontade de ser mais que os outros”, ou uma forma de descontrole na gestão dos bens e recursos excedendo os limites do moralmente recomendável e colocando em risco sua família e suas relações com a comunidade, os amigos, e com Deus. *Sossegado*, por sua vez, qualifica uma postura algo humilde, o resguardo do tempo para dedicar à família, aos amigos e à religião, certa resignação com o que Deus oferece, e nesse sentido pode ser valorizado. Mas o termo pode ser usado como eufemismo para indicar a falta de vontade e coragem para o trabalho, a lassidão e a preguiça, e também aqui a família pode estar em risco.

Como qualquer outro termo moralmente carregado, *ambição* e *sossego* costumam ser acionados em referência a pessoas, categorias, situações ou eventos específicos, e não discutido abstratamente. Assim, em vários momentos, o termo veio à tona nas narrativas sobre as transformações da região: seja nas críticas de pessoas do lugar à excessiva *ambição* dos *paranaenses*, mesmo reconhecendo a importância de sua chegada para o crescimento ou progresso; seja nas narrativas dos cafeicultores oriundos do Paraná ao excessivo *sossego* dos *mineiros*, ainda que reconhecendo a hospitalidade e a amistosidade que estes demonstraram diante de sua chegada à região. Ou, ainda, foi acionado por cafeicultores *paranaenses* ao contarem de sua relação com os parentes *sossegados* que permaneceram em sua região de origem, e que, no dizer de um jovem nascido no Paraná mas que já cresceu em Patrocínio, continuam, a cada visita anual que ele lhes faz, “com o mesmo carro, a mesma casa, se duvidar a mesma camisa”. Para ele, esses parentes não pensam nos filhos, pois “ficar como está já é cair”. Ele mesmo planeja seguir em frente, adquirir terras em novas regiões, “crescer” e “ir adiante” para “deixar algo mais para os filhos”. Também foi acionado em situações como conversas de cafeicultores sobre

seus parentes e familiares: para criticar a *ambição* excessiva de um irmão ou cunhado, para justificar o próprio *sossego* em contraste com irmãos ou cunhados, para distinguir filhos e genros, ou ainda para contrastar diferentes momentos na própria história de vida. Foi acionado também por *mineiros*, ao refletir em tom de perplexidade sobre o modo pelo qual os *paranaenses* transformaram terras pouco valorizadas em áreas muito produtivas, possibilidade que eles, por serem excessivamente *sossegados*, não haviam antevisto.

O tema da *ambição* e do *sossego* pode estar ligado a reflexões religiosas. Certa noite, jantando com um casal de grandes produtores de origem paranaense, um casal já de certa idade, vi-me em certo momento instado a me posicionar em um debate a respeito da relação entre a *graça de Deus* e a produção agrícola. Do ponto de vista da esposa, a produção era em si graça de Deus, que dá a chuva no momento certo, que é o responsável pela vida das plantas, pela terra e por toda a natureza. A riqueza deles era graça de Deus, e não faria sentido nem ambicionar mais, nem recusar. Do ponto de vista do marido, a graça de Deus consiste de oportunidades que só serão aproveitadas por aqueles que optarem pelo trabalho incessante e dedicado. A natureza sem o trabalho não é nada. Certa dose de *ambição* para “crescer”, desde que por meio do trabalho, se coaduna, na visão dele, com a graça de Deus, e na verdade consiste em uma expectativa ou um teste de Deus. A graça de Deus precisa da “garra” dos homens. E afinal, perguntou-me ele, não era a minha presença ali também fruto da minha *ambição* de produzir um bom trabalho? E essa não foi a única vez que fui interpelado nesse sentido por cafeicultores.

### ***Exibição ou simplicidade***

No trabalho de campo entre os cafeicultores, alguns deles bastante abastados, foi comum que se autocaracterizassem como pessoas *simples*, e enfatizassem sua preocupação em não *exibir* a riqueza (mesmo que em alguns casos isso parecesse, aos meus olhos, contradito pelas poderosas e novas caminhonetes 4x4 e grandes casas, cuja existência era sempre explicada por motivos funcionais). Em várias visitas a casas de cafeicultores, a *simplicidade* foi insistentemente afirmada e paradoxalmente, “exibida”. Em uma casa de um cafeicultor relativamente grande de Patrocínio, oriundo

do Paraná, e que excepcionalmente morava “na roça” e não na cidade, o casal fez questão de mostrar os cômodos da casa e sua mobília, sempre enfatizando a *simplicidade* (e a casa tinha de fato um estilo austero). Um dos maiores produtores de Patrocínio, por sua vez, ao me levar para visitar suas fazendas e o escritório de sua firma de exportação, fez questão de explicar que sua picape não era “carro do ano” e que o luxo relativo do escritório era uma necessidade comercial, pois precisava receber compradores estrangeiros, sempre deixando claro que não estava em jogo exibir sua riqueza e que ele, uma pessoa *simples*, não é do tipo que faria isso. Críticas genéricas eram feitas frequentemente aos que “queriam se exibir”, com carros luxuosos ou outras formas de consumo conspícuo.

Por outro lado, também foi comum ouvir de cafeicultores *paranaenses* que eles eram criticados por *mineiros* em função de seus hábitos *simples*, como cuidar do jardim, trabalhar pesado nas fazendas junto com os funcionários ou fazer os próprios móveis. Nessas narrativas, reafirmavam o valor moral da simplicidade e da discrição em relação à riqueza, mesmo em situações de “sucesso”, e ao mesmo tempo marcavam o estranhamento que isso causava junto a outros que, sugere-se implicitamente, se fossem ricos exibiriam sua riqueza e deixariam de ter hábitos *simples*.

### ***Aventura ou prudência***

Ao ouvir a movimentada história de vida de um senhor, grande produtor em um município da região, na qual ele narrava sua saída da região de origem na Bahia para trabalhar na abertura de fazendas no norte do Paraná nos anos 1950, depois a progressiva aquisição de sítios no Paraná, a ida para o norte do Mato Grosso, e finalmente a vinda para Minas Gerais, comentei ingenuamente que a vida dele tinha sido “uma aventura”. Logo percebi que cometera uma gafe. Incomodado, ele negou que tivesse sido uma *aventura*: ele sempre procedera com cuidado e preocupado com a família. Um pai de família não deve se *aventurar*. Fiquei um pouco surpreso com a minha gafe, pois em outras circunstâncias ouvira o termo *aventura* usado com conotação positiva, para descrever uma qualidade da vinda para a região. Mais atento, fui percebendo que *aventurar* pode ser acionado com conotação positiva de ousadia em certos momentos ou para certas finalidades, ou com conotação negativa de irresponsabilidade, como na

fala do senhor referido. O limite entre a ousadia e a irresponsabilidade parece um foco de preocupação entre os “pais de família”: é possível justificar aventurar-se em busca de oportunidades para que a família possa *ir para frente*, de modo que não ter certa dose de ousadia pode ser tido como colocar em risco o futuro dos filhos (considerando que “ficar como está já é cair”). Mas é possível também criticar o aventureirismo de quem coloca em risco a situação da família, e não faltarão histórias de migração para o Mato Grosso ou de outros investimentos incertos ou apostas excessivamente arriscadas no momento da venda do café, com resultados desastrosos, para demonstrar a irresponsabilidade alheia, contrastando-a com a prudência do narrador. As narrativas de grandes decisões, como a mudança de um estado para outro ou a compra de uma fazenda, são sempre bastante emocionadas e expressivas das tensões morais em jogo, que de algum modo apontam para essa dosagem sempre contestável e potencialmente criticável de ousadia e prudência.

### ***O pai exemplar e a família unida***

Não é surpresa que as relações familiares sejam uma das áreas mais “investidas” com significados e polêmicas morais. Em diversas ocasiões em que conversamos com os cafeicultores, a figura do “pai de família” foi ressaltada. Muito do que foi dito pelos cafeicultores homens e mesmo pelas mulheres destacou a importância do pai como exemplo moral. Em certo sentido, um pai realizado é aquele que reconhece seu próprio exemplo nos filhos, e mesmo nos netos. A exemplaridade paterna, entre os cafeicultores com quem conversei, aponta para aspectos como o gosto pelo trabalho (em especial agrícola, no caso dos filhos homens), a dose “certa” (sempre discutível) de espírito de aventura e de prudência, de ambição e de sossego. E também a exemplaridade enquanto organizador da cooperação da família, identificando talentos, atribuindo tarefas, ajudando filhos, filhas e genros de acordo com critérios de merecimento e direcionando investimentos.

Na perspectiva desses cafeicultores, um pai exemplar terá sempre uma família exemplarmente unida. A colaboração entre pai, mãe, filhos/irmãos-irmãs e eventualmente os maridos-cunhados-genros é invariavelmente enfatizada nas conversas dos cafeicultores. Apontam

concretamente para conjuntos de pais e filhos que conseguem manter-se unidos e com isso *crescer*. E as narrativas do processo de estabelecer-se na região recorrentemente apontam exemplos positivos ou negativos no que se refere à “união da família”. Da mesma forma, e na direção oposta, são lembrados exemplos de divergências na família, rivalidades, ou ainda, como exemplo tristemente lembrado, o caso de um produtor bem-sucedido, porém sem filhos e, portanto, sem herdeiros. A expectativa de *ir para frente*, componente do sucesso tal como avaliado por esses cafeicultores, se estende com bastante clareza às gerações seguintes, inclusive no sentido de que os irmãos (homens) se articulem para explorar novas regiões abertas para expandir as atividades agrícolas, ou que essa possibilidade seja explorada ainda pelo pai, mas sempre visando o futuro dos filhos. Isso pode, todavia, ser tido como aventureirismo de um pai que talvez esteja se mostrando excessivamente ambicioso.

Alguns dos relatos obtidos entre cafeicultores estabelecidos na região apontam para esse universo de valores em torno da exemplaridade do pai e do seu papel em consolidar a união da família. Um dos mais interessantes nesse sentido foi um grande produtor *paranaense* (na verdade paulista), que era um dos ricos “exemplares” do município, sempre indicado para nós quando explicávamos que estávamos interessados na cafeicultura, e bastante mencionado em rodas de conversa. Sua narrativa enfatiza o seu sucesso “empresarial”, ou seja, o fato de ter nascido em um pequeno sítio de café, ter se tornado esteio da família com a morte do pai, ter começado a trabalhar como empregado de uma fazenda, e finalmente ter conseguido estabelecer-se como sitiante e depois fazendeiro, primeiro no Paraná e depois em Minas Gerais. A narrativa está centrada em seu sucesso no sentido de tornar-se um homem completo, *direito* e, portanto, pai de família. A grande ênfase foi sobre como ele conseguiu deixar um legado para os filhos, por meio do trabalho e da graça de Deus (que o permitiu trabalhar). Mais do que apenas o legado material, ele de diversas maneiras enfatiza que deixa o *exemplo*, reconhecido pelos filhos e netos. Deixa bem claro que até hoje, aos oitenta anos, ajuda, orienta e direciona cada um dos filhos em seus empreendimentos. As suas estratégias de mudança para Minas, de aquisição de áreas e de técnicas de cultivo e decisões de comercialização por vezes foram contestadas pelos filhos, mas no final ele mostrou estar certo e ter agido com prudência e de acordo com a orientação divina. O



crescimento desse empreendimento familiar – onde os filhos continuam em sociedade com o pai e entre si, mesmo depois de casados – é apresentado como uma construção moral em torno dos valores da solidariedade familiar, e da generosidade e da autoridade paterna. Na sua apresentação, não se trata nunca, evidentemente, da valorização de enriquecimento em si. Mesmo ao narrar a construção de sua casa, muito grande e localizada em ponto nobre da cidade, ele enfatiza que é o cumprimento de uma promessa aos filhos quando da chegada em Minas. O tempo todo reafirma sua simplicidade e se afasta da imagem do rico avaro e ambicioso, talvez ainda incomodado com as consequências do fato de ter sido apresentado (ou ter se exibido, conforme alguns julgamentos contrários) como exemplo da riqueza produzida pela expansão do café na região, em uma reportagem de revista de circulação nacional feita há alguns anos.

Nessa moldura moral, a ampliação da escala das atividades e a acumulação de riqueza são apresentadas como o que se espera do *pai de família*: legar aos filhos terras e exemplo moral. Mas creio que não se pode dissociar essa maneira de apresentar a própria trajetória sem levar em conta justamente a acusação moral corrente, com relação aos que  *cresceram*  muito, de que são movidos pela  *ambição*  excessiva e pelo intuito de  *exibir*  sua riqueza. Os relatos autobiográficos nas entrevistas adotaram formas de autoapresentação bastante elaboradas, e o cultivo dessa modalidade de relato parece fazer sentido em um mundo atravessado por debates e contendas morais sobre a natureza da acumulação de riqueza e que tem na vida familiar uma referência fundamental para a justificativa moral.

Tomando como referência esse ponto de vista bem estabelecido dos cafeicultores  *paranaenses*  e suas expectativas morais quanto à  *união*  da família em torno das perspectivas de  *ir para frente*  e o papel do pai como referência central e exemplar, não chega a ser surpresa que manifestem estranhamento ou repulsa diante de arranjos familiares distintos observados, seja entre famílias  *mineiras* , seja entre os trabalhadores que residem nas periferias das cidades ou que vêm para a colheita do café. Com relação aos primeiros, seria interessante uma investigação mais sistemática, que não foi possível realizar, sobre as famílias surgidas do casamento entre homens paranaenses e mulheres mineiras, do ponto de vista das tensões e diálogos morais. A atribuição recorrente de excessivo  *sossego*  aos homens mineiros e, portanto, o julgamento de sua inadequação para casar com as

mulheres paranaenses, ou seja, de se tornarem  *pais de família*  aceitáveis (ao contrário da ampla aceitação do casamento de homens paranaenses com mulheres mineiras, tidas como  *boas mães* ), parece uma pista importante.

### ***Brigas, cachaça e descontrolado***

O uso do termo  *desestruturada*  para se referir às famílias de moradores de bairros periféricos e de trabalhadores temporários soma-se a uma constelação de termos usados recorrentemente para julgar moralmente tal categoria de pessoas. As referências mais frequentes são ao  *perigo*  e à  *violência* . Rumores sobre o perigo desses bairros e dessas pessoas que vêm para a colheita, sobre seu comportamento descontroladamente violento, sobre crimes espantosos dos quais se ouviu vagamente falar são uma constante e podem ser ouvidos no táxi, em conversa no bar ou no restaurante, no sindicato ou na associação, na igreja ou no banco, nos órgãos da prefeitura voltados para a assistência social ou no abrigo para os trabalhadores em busca de trabalho. Também não é surpreendente que esses mesmos rumores circulem a partir dos próprios moradores desses bairros, ao precaver, por exemplo, a pesquisadora que ali trabalhava sobre os riscos de andar no bairro para além da vizinhança imediata em que ela se encontrava, ou ao comentar sobre a impossibilidade de ali realizar festas públicas pela alta probabilidade de descontrolado e violência; ou, ainda, ao qualificar os trabalhadores de outra origem geográfica que não a sua (os baianos, os do norte de Minas, os paraibanos...) como dados à briga e à violência. Também era comum a circulação de rumores e narrativas sobre brigas nos alojamentos de fazendas. Além da violência, outros focos de interesse e preocupação nos julgamentos morais entre os trabalhadores rurais e em relação a eles diz respeito ao contraste  *trabalhador/preguiçoso*  ou  *vagabundo*  (aqui sem a ambiguidade permitida pelo par  *ambição/sossego* ); e, ainda, ao alcoolismo e ao  *descontrolado*  (principalmente dos homens).

Entre cafeicultores, as conversas sobre as dificuldades de  *mexer com gente* , em referência a gerir as relações com os trabalhadores na época da colheita, eram constantes, e em torno desse mote circulavam histórias de perigo, violência, drogas e alcoolismo, construindo um quadro de descontrolado moral nesses contingentes de “gente de todo tipo”, como se diz com frequência. As exceções iam por conta de relatos de trabalhadores

com os quais se havia estabelecido uma relação duradoura, esses sim diferentes dos outros: gente trabalhadora, focada em obter recursos para a família, que não frequenta “a rua”, não bebe e não se envolve em brigas. Mas há sempre uma preocupação dos cafeicultores com as dificuldades de “saber com quem estão lidando”, ou seja, de não ter canais de acesso a reputações.<sup>9</sup> Nessas circunstâncias, os cafeicultores recorrem sistematicamente aos famosos *gatos*, empreiteiros de mão de obra. Essa figura é moralmente bastante ambígua e, por isso mesmo, tida como adequada para lidar com *gente de todo tipo*. Do ponto de vista dos trabalhadores, por sua vez, são vistos com desconfiança, mas é quase impossível conseguir acesso ao serviço sem recorrer aos *gatos*. São, portanto, quase imprescindíveis e moralmente muito ambíguos tanto do ponto de vista dos patrões como dos empregados.

### Alguns circuitos de julgamento

Tentarei esboçar algumas situações e modalidades de interação que favorecem a produção e circulação de avaliações morais. Farei observações sobre algumas modalidades de encontro nas quais se realizam, ajustam, sugerem, ensaiam ou refutam julgamentos, se fazem ou desfazem reputações, ao mesmo tempo que se reproduzem ou se transformam temas e tópicos de interesse moral e se cria certo autoconhecimento em termos morais dessa sociedade diversificada e heterogênea. Tais eventos ou situações também apontam para alguns dos circuitos de julgamento moral que reforçam a heterogeneidade e diversidade dessa sociedade. Cabe ressaltar que não há nenhuma pretensão de ser exaustivo.

### Festas de aniversário e outros eventos em casa

Esses eventos parecem ser uma importante modalidade de encontro entre cafeicultores. Fui convidado a diversas festas de aniversário. Membros de

<sup>9</sup> Chegaram a surgir empresas especificamente dedicadas a levantar informações policiais sobre trabalhadores em vários estados, em uma espécie de “burocratização” daquilo que em outras circunstâncias pode ser realizado pelo acesso à reputação moral.

uma família de cafeicultores “paranaenses” me contaram que não havia mês do ano em que não se reunissem em torno de algum aniversário. Não me parece que isso seja excepcional. Nesses eventos, reunindo apenas familiares, parentes e amigos relativamente próximos, um dos componentes invariavelmente é a conversa entre os homens a respeito das atividades agrícolas e dos negócios de conhecidos, parentes, vizinhos e dos maiores produtores da cidade. No caso dos paranaenses, a conversa entre os homens está centrada no “falar sobre café”. Em um aniversário de uma família paranaense em que estive presente, por exemplo, entre os homens falou-se da desconfiança com relação a uma nova firma corretora de café que surgira na cidade e seus desígnios; avaliou-se detidamente o caso de uma pessoa que insistentemente “jogava” com o seu café na bolsa de mercadorias; estabeleceu-se um contraste em termos de progresso e riqueza com os parentes que ficaram no Paraná e com os quais mantinham contato por meio de visitas; discutiu-se a forma de gestão de uma grande fazenda em que um dos membros da geração mais nova era administrador. Em outro aniversário dessa mesma família, só que dessa vez de um homem casado com uma mineira, de modo que, em vez da “roda dos homens” e da “roda das mulheres”, havia a “mesa dos paranaenses” e a “mesa dos mineiros”, na mesa dos paranaenses (que incluía as mulheres) se discutiu a compra e venda de terras na região e em outras, em torno de casos específicos de pessoas conhecidas cujas ações foram julgadas; falou-se muito da colheita de café daquele ano e das expectativas de preço, trazendo à tona narrativas de pessoas que souberam, ou não, prever oscilações de preço, ou que foram movidas pela *ambição* de grandes ganhos.

Além dos aniversários, almoços e jantares em casa dirigidos à família e aos parentes parecem ser fundamentais na sociabilidade “de classe média” dessas cidades, tanto entre “paranaenses” como entre “mineiros”. E, nesses eventos de muita conversa, faz-se muito julgamento moral, com a liberdade que a relativa segregação de “público” permite. Em um almoço de dia das mães de uma família mineira, a “roda de homens” me pareceu mais centrada na discussão de “negócios” e “dinheiro” em geral mais do que no “falar de café”, ainda que o tema do café estivesse presente. Em certo momento dedicou-se a discutir as estratégias comerciais e as dívidas do maior e mais conhecido produtor de café do município, falando longamente da falsidade de sua riqueza e de suas dívidas imprudentes e

impagáveis. Também conversaram sobre dimensões “ilegais” (mas não imorais) da corretagem de café em pequena escala, o mercado de terras na região e a política local, sempre com uma importante dimensão de julgamento moral das pessoas mencionadas.

Em todas as conversas masculinas e algo técnicas, há um forte e explícito componente de avaliação moral, conforme mencionei. As atividades e estratégias comerciais e agrícolas, próprias e alheias, são debatidas explicitamente em uma linguagem de certo ou errado, não apenas do ponto de vista estritamente econômico. Se em palestras durante eventos promovidos pela associação dos cafeicultores ou por bancos de investimento foi possível ouvir uma linguagem exclusivamente técnica e gerencial a respeito das atividades agrícolas e comerciais, no ambiente mais próximo e íntimo dessas conversas caseiras ou entre amigos o centro é a avaliação moral: é correto apostar muito na bolsa de mercadorias, levando em conta que isso coloca em risco o patrimônio que é da família? É certo pensar em comprar mais terras e expandir suas atividades agrícolas em outras regiões, ou é uma ambição desmedida? O grande produtor que se endivida excessivamente está agindo de maneira certa, ou isso é fruto de sua ganância? O que dizer dos parentes que continuaram humildemente no Paraná, sem crescer a escala de suas atividades? Essa “falta de ambição” não é uma traição aos filhos? Os novos corretores que têm capital para desbancar os concorrentes, oferecendo melhores preços pelo café, estão agindo de forma moralmente correta? O que pretendem com isso?

Se pensarmos que eventos como esses se repetem regularmente, veremos que essas rodas relativamente íntimas que discutem incessantemente as atividades econômicas e a gestão da riqueza são importantes nós de uma rede que produz incessantemente avaliações morais. Não se trata apenas de troca de informações ou de saberes técnicos e comerciais – se trata disso também, sem dúvida – mas de formas cristalizadas de produzir discursos morais em torno de certos temas e termos chave, dos quais a *ambição* certamente é um dos mais importantes. É impossível ir a um aniversário ou a um almoço e não emitir opiniões morais sobre as atividades dos outros. E não se sobrevive bem socialmente nos círculos médios e altos desses municípios sem frequentar aniversários e outros eventos “fechados” desse tipo.

### *Visitas para mostrar a lavoura*

Uma das atividades da pesquisa consistiu em visitar propriedades de cafeicultores. Percebi também que as visitas entre esses produtores são uma atividade comum, nos fins de semana, por exemplo, tendo presenciado em vários momentos cafeicultores combinando visitas a amigos, para ver novidades na lavoura e na criação ou nas máquinas e nos equipamentos. Em alguma medida, essas visitas são também formas de autoapresentação de seus proprietários, e essa autoapresentação tem uma dimensão de *performance* de valores morais. Ainda que a visita de um pesquisador seja distinta de uma visita de um vizinho ou amigo, há aproximações possíveis entre essas situações. Com essa perspectiva, trago observações sobre três situações de campo.

Uma delas foi a visita a propriedades de um dos maiores produtores da região. Partimos da sede de sua empresa, onde estão os escritórios administrativos das fazendas e da empresa de exportação de café. Ao longo da visita ficou evidente a demonstração do caráter quase frenético do trabalho de direção desse produtor. O tempo todo, ele apresentou sua qualificação moral como alguém cuja vida é o trabalho incessante. Desde o escritório até a fazenda, mostrou sua ocupação com questões que vão da aquisição de botas para os trabalhadores, o acompanhamento do preço internacional do café, a captação de água, o planejamento técnico da enorme unidade de beneficiamento de café em sua nova fazenda, o conserto de máquinas agrícolas na oficina, e assim por diante. Figura de grande visibilidade na sociedade local, mencionou também suas atividades à frente de iniciativas educacionais e na área de saúde. O peso do discurso moral sobre a *família* ou sobre seu lugar como *pai de família* teve menos destaque. Só com algum custo consegui que ele falasse um pouco sobre os filhos e a esposa, num evidente resguardo do seu universo “privado” que era justamente o mais exposto em outros casos. No entanto, também ele pareceu preocupado com uma possível acusação de pura ambição: comparou-se a um artista que compra áreas de terra improdutiva e as transforma em fazendas que são verdadeiras “obras de arte”.

Outro caso foi a visita a um produtor relativamente grande, dono de importante empresa comercial de máquinas agrícolas. Era muito impressionante o grau de controle que mantinha sobre tudo o que se passava

na fazenda. Diferentemente do produtor anteriormente mencionado, a moralidade familiar como base do empreendimento foi a primeira coisa que ele abordou, ainda no escritório, numa fala quase formal, bastante paradigmática. Na fazenda, apresentou seus pais idosos e incentivou a minha conversa com eles após enfatizar que, apesar de morarem na cidade, gostavam muito de ficar na roça (enquanto ele mesmo continuava freneticamente verificando as atividades da fazenda e dando ordens aos *funcionários*). Ao longo da conversa, mencionou como horizonte a ampliação de sua rede comercial e de fazendas por meio de viagens de prospecção a outras regiões promissoras, mas tudo isso era apresentado como decorrência do que ele aprendera com o pai exemplar, tanto na agricultura como no comércio (o pai teve um armazém no Paraná), colocando-se desde o início como continuador, em sociedade com o irmão, de uma *tradição familiar*.

Por fim, um terceiro produtor, considerado médio ou quase pequeno para os parâmetros locais, levou-me à sua propriedade em seu carro. Parou diversas vezes, sem pressa, para mostrar pés de café carregados, sempre acompanhando essa apresentação à lavoura com a frase “benção de Deus”... Mostrou suas instalações, relativamente modestas, na sede da propriedade e falou com orgulho do reconhecimento que tinha por parte dos técnicos, no Paraná e ali em Minas, sugerindo que era reconhecido como agricultor exemplar do ponto de vista técnico. Por fim, contou sobre a vinda de sua família e o progressivo afastamento em relação ao seu irmão, que *creceu* muito mais do que ele. Comentou que os que *crecem* muito ficam *sem tempo* e que ele prefere uma vida com “*mais sossego*”, reafirmando que o que ele precisa Deus oferece como benção.

Creio que esses breves esboços de visitas a propriedades permitem perceber que, ao se fazer a apresentação da propriedade, está em jogo a apresentação moral de si e de sua família. Para esses cafeicultores, essa apresentação pode estar atravessada por uma constelação de noções, reflexões e problemas em torno de questões como os limites da *ambição*, a *simplicidade* ou a *exibição*, a *aventura* ou a *prudência*, a importância do *pai* e sua exemplaridade. Imersos em um mundo de oportunidades e incentivos de crescimento econômico e de acumulação de riqueza, torna-se impossível não se posicionar moralmente em relação a isso, demonstrando sempre o *trabalho* enquanto valor (seja pelo tempo dedicado a ele, seja pelo cuidado amoroso aí manifesto), negando sempre que a riqueza que daí

resulta tenha em sua raiz a *ambição* excessiva, egoísta, e imoral, ou então negando que a menor riqueza relativa (em comparação a um irmão, por exemplo) seja ocasionada pela indolência, igualmente egoísta na medida em que é o oposto da dedicação à família e ao “fazer para os filhos”. Todo esse esforço de apresentação moral pode ser visto também como indício de um mundo em que acusações morais formuladas nesses termos são das mais importantes matérias do cotidiano.

### **Falar sobre os “grandes” notáveis**

Nas cidades da região, ao menos nas mais importantes, não foi difícil identificar personalidades “conhecidas” por todos, do sorveteiro da esquina ao taxista, dos políticos aos dirigentes associativos e gerentes de bancos. São grandes produtores, muito bem-sucedidos, e inseridos com destaque na alta sociedade local. São homens que foram insistentemente mencionados como exemplos quando a equipe de pesquisa chegou à região. Sobre eles, circulam muitas narrativas, e todos na cidade dão a impressão de conhecê-los intimamente. Nas rodas de conversa no clube, nas festas de aniversário, nas esquinas, no comércio, nas conversas nos restaurantes, comenta-se às vezes em detalhes a vida desses personagens “públicos”: a sua última viagem, a sua situação financeira, o desempenho dos filhos, a sua relação com os trabalhadores, suas rivalidades, simpatias e antipatias, sua vida privada ou a história de seu enriquecimento.

A impressão geral é de ambiguidade em relação a tais figuras. Nos casos que tenho em mente, são valorizados como pessoas que vieram de baixo e ascenderam pelo trabalho e pela inteligência. Mas sempre surgem rumores de operações financeiras nebulosas, dívidas excessivas que vão recair sobre os filhos ou comentários sobre o luxo desmedido das casas, o hábito de andar de avião próprio, os contatos em Brasília, as viagens dos filhos ao exterior, as rivalidades com outros grandes produtores, sua ambição desmedida ou sua simplicidade surpreendente (mas seria verdadeira e sincera?). A discussão moral sobre dívidas e os riscos que elas trazem parecem, em especial, ser um foco de grande interesse público. As incessantes conversas sobre tais personalidades públicas, nas mais variadas circunstâncias, são momentos de intenso comentário moral, um exercício de polêmica, reflexão e elaboração de moralidades. Diante

do destaque social e do investimento dessas figuras exemplares na sua autoapresentação pública, o uso da ironia parece ser uma modalidade frequente, e, ao que me pareceu, bastante eficaz, de comentário moral.

### **“Fidelização”, “dias de campo”, “treinamentos”: circuitos de interação no mundo da técnica**

A produção de café nessa região coloca os produtores numa relação bastante próxima com o universo da geração e distribuição comercial de tecnologia agrícola. Esse universo envolve algumas modalidades de interação nas quais, para além das finalidades técnicas e comerciais, entram em jogo a construção de reputações e a elaboração de julgamentos morais, circunscrevendo ao mesmo tempo determinados círculos sociais.

Todos os produtores trabalham com revendas, que são lojas de insumos agrícolas, em geral de propriedade de empresários locais e que possuem um corpo técnico cuja atribuição é vender os produtos e também orientar o seu uso pelos cafeicultores. Os que trabalham nessas empresas, agrônomos ou técnicos agrícolas, são em geral jovens. É uma ocupação comum para filhos de cafeicultores modestos que tenham completado seus estudos, médios ou superiores, na área técnica. Trabalham sempre na perspectiva do que chamam de *fidelização*, ou seja, tornar o produtor um freguês constante da loja e da linha de produtos que ela comercializa. Há toda uma série de incentivos nesse sentido, desde descontos para os que optam pelo pacote de produtos até concursos entre os clientes da loja, e a atenção especial dispensada cotidianamente para os mais permanentes. Os técnicos visitam as propriedades dos clientes com uma razoável frequência (uma ou duas vezes por mês). Eles têm claro que não se trata de uma relação simplesmente de venda de produtos. Ao mesmo tempo, é preciso vender... Os produtores, por sua vez, deixaram sempre claro que sua fidelidade a uma dada revenda nunca é total, e alguns mencionaram que tentam comprar em mais de uma para manter boas relações com todas as lojas e não chatear seus conhecidos nesse ramo. Eles afirmaram que buscam os menores preços, mas levam também em conta sua relação com a loja e com os técnicos, pois têm confiança e uma relação de amizade com alguns (alguns vendedores são filhos de parentes, amigos, ou conhecidos). Em torno das atividades de venda de insumos,

geram-se, portanto, relações de proximidade, confiança e amizade entre cafeicultores e funcionários das revendas. Conversas entre produtores e por outro lado conversas entre técnicos-vendedores são momentos em que circulam avaliações técnicas mas também morais sobre uns e outros, a partir da interação recorrente tendo em vista a *fidelização*.<sup>10</sup>

Uma importante estratégia das empresas e das revendas para divulgar seus produtos e para aproximar-se de seus clientes e clientes potenciais são os *dias de campo*. Esses eventos envolvem a divulgação de algum novo produto. Um produtor é escolhido para ser o anfitrião, o que em si é considerado uma distinção ou homenagem importante. A empresa monta o evento na propriedade, divulga entre os produtores e traz pesquisadores e técnicos da própria empresa ou de universidades para apresentar o produto ou fazer palestras. Mas, se esse é o fulcro “oficial” do evento, para os produtores conta muito a oportunidade de se encontrar com outros produtores, reencontrar amigos e fazer novos, conversar sobre as lavouras, saber notícias, e, claro, exercitar julgamentos morais. Também é um momento de encontro mais informal entre os técnicos da empresa e os produtores. Costuma haver um churrasco.

A demonstração de conhecimento técnico é muito valorizada pelos produtores – sobretudo o conhecimento “demonstrado na prática”. A informação mais valorizada é aquela obtida dos outros cafeicultores. As visitas, dias de campo e viagens para conhecer outras regiões de expansão da cafeicultura e para eventos técnicos são sempre espaços de intensa troca de opiniões técnicas e informações entre cafeicultores. Ser reconhecido como alguém que tem um domínio especialmente bom das técnicas de produção é motivo de orgulho e de prestígio. E as conversas de cafeicultores

<sup>10</sup> Além das revendas de insumos, outro foco importante nas relações dos cafeicultores com o mundo da tecnologia são as revendas de tratores e máquinas. Ligadas a grandes empresas do ramo, essas revendas são de propriedade de empresários locais, do mesmo modo que as revendas de insumos. Como comercializam equipamentos muito caros, é comum que a compra seja feita a crédito. Talvez por isso mesmo os vendedores dessas lojas de máquinas parecem ter a fama de estarem sempre muito atentos às informações que correm a respeito de sua clientela ou clientela potencial. Um ex-funcionário de uma dessas lojas me explicou que, além das informações oficiais que constam do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC), sempre sabem muito, por meio de suas conversas cotidianas, sobre a vida dos clientes e clientes potenciais – sua vida financeira, a situação de suas propriedades e, ao que parece, muito mais.

nesses eventos e espaços com facilidade se encaminham na direção não só de uma sutil disputa em torno do saber técnico e comercial, como de uma conversa marcada pelo julgamento moral de terceiros enquanto *pais de família*, e concomitante afirmação de sua própria excelência moral nesse sentido.

Cabe observar também que no mundo das empresas – revendas, empresas de insumos, de comercialização de máquinas, bancos – os funcionários, incluindo jovens técnicos agrícolas ou agrônomos filhos de produtores, se tornam colegas e passam a conhecer também toda uma rede de outros jovens como eles, não apenas no trabalho cotidiano como também em  *cursos e treinamentos* reunindo funcionários de diferentes regiões e distintas posições na hierarquia da empresa. No caso das maiores empresas, filhos de produtores da região têm contato com funcionários mais graduados que são agrônomos formados nas escolas mais prestigiadas (alguns deles vindos de famílias com uma *tradição* na agronomia, e com tradição de formação nas escolas de agronomia mais *tradicionais*). Esses mundos sociais acabam por acionar uma linguagem própria e um conjunto de expectativas, por exemplo, quanto ao melhor modo de gestão técnica e administrativa das propriedades, bem como critérios de reputação e prestígio. A perspectiva desse universo “técnico”, com sua linguagem, seus eventos, seus círculos sociais hierarquizados, é algo que os jovens filhos de cafeicultores que trabalham, por exemplo, nas revendedoras, vão levar para “dentro de casa”, como elemento na relação com os pais, tios e primos envolvidos na gestão das unidades sob controle da família. Os filhos empregados nesse universo passam a ser consultados sobre técnicas, produtos, acesso a crédito, informações sobre o mercado local e nacional, sobre compra e venda de áreas etc. Em algumas circunstâncias, a tensão entre as perspectivas dos jovens mais imersos nesse universo da técnica e da gestão e as perspectivas de pais e irmãos em relação às atividades agrícolas podem se tornar um desencontro de expectativas morais no plano das relações familiares.

### **Clubes e associações**

Os cafeicultores que vieram do norte do Paraná, e que lá eram pequenos ou mesmo médios lavradores, são unânimes em se lembrar de uma vida “comunitária” intensiva na área rural. Havia muita gente na roça, muitos

vizinhos, muitas visitas, festas, futebol. No distrito estudado por Hailton Pinheiro em Araguari, isso de certo modo se reproduziu. Há ali vizinhos que convivem cotidianamente, festas de igreja, um antigo povoado rural do qual os *paranaenses* se tornaram figuras centrais. Já nas áreas de grandes fazendas em Patrocínio, Coromandel e Monte Carmelo, o contraste com o Paraná foi enfatizado: dadas as dimensões das propriedades, os vizinhos estão distantes, e de todo modo em geral moram nas cidades. Não é nas proximidades das lavouras que se encontram, não há ali “comunidades rurais” de cafeicultores. Os cafeicultores têm seus espaços de “comunidade” na cidade, inclusive em alguns clubes e associações.

Ouvi reclamações de que já houve época em que, na cidade, havia mais encontros entre cafeicultores. Em Patrocínio, o Clube da Bocha, visto como algo “dos paranaenses”, mas também “dos italianos”, teve seu melhor período nos anos 1990, quando era muito frequentado. Foi ampliado com apoio da prefeitura, atraía jogadores de outras cidades (especialmente Araguari) e tinha animação não só nos finais de semana como também nos dias de semana. Hoje, os seus frequentadores reclamam do esvaziamento, da falta de tempo para frequentá-lo, da concorrência do lazer mais fragmentado nos ranchos na beira da represa. Mas não deixa de ser um espaço de encontro, reunindo basicamente cafeicultores de origem italiana, mas também acabando por agregar alguns mineiros, às vezes seus parentes por afinidade. Apesar da atual irregularidade da frequência ao clube, especialmente na época da colheita do café, o padrão é que a cada semana um membro do clube se encarregue de oferecer a carne do churrasco, em rotação, sendo a bebida vendida separadamente. Comparecem principalmente homens, e a conversa, como o leitor já deve imaginar, gira em torno do café, mas também de política, futebol, da própria bocha, das notícias do Paraná, dos casamentos, dos filhos, de narrativas sobre acontecimentos na região de origem, de anedotas, casos e piadas. E, como o leitor já deve também imaginar, há sempre um intenso julgamento ou debate moral em todas elas.<sup>11</sup>

<sup>11</sup> A Associação Nipo-Brasileira do município também teve um período de dinamismo, incentivado por três senhores muito respeitados da comunidade, que faleceram em um pequeno intervalo. Hoje, também se reclama do esvaziamento e da “falta de tempo” dos antigos frequentadores, da atual fragmentação da colônia japonesa, e do esvaziamento ocasionado pela ida de muitos para o Japão ou para as grandes cidades. A associação continua, contudo, promovendo alguns eventos.



Outro espaço de encontro dos cafeicultores é a sede das associações e cooperativas do sistema “Café do Cerrado”. Para além das funções formais dessas entidades, a frequência às sedes também é um espaço onde os cafeicultores se encontram e trocam ideias e informações, entre si e com os funcionários, técnicos e dirigentes. Os funcionários assinalaram que muitas vezes os produtores visitam a sede simplesmente para conversar, pedir conselhos sobre as mais variadas coisas, inclusive de sua vida privada, saber dos rumores sobre o mercado de café, e assim por diante. Mais de uma vez, dirigentes e funcionários qualificaram a sede de sua entidade como *a casa do cafeicultor*. Os cafeicultores às vezes trazem presentes para os funcionários e funcionárias dali e comparecem aos eventos patrocinados pela associação.

Os encontros em espaços como esses dão oportunidade tanto para momentos de agrupamento por família ou círculos de parentes como encontros “entre famílias”, entre funcionários e técnicos da associação com cafeicultores individualmente e para encontros mais ou menos casuais entre cafeicultores individualmente. É sempre um contexto mais aberto do que os já mencionados eventos “em casa”, o que certamente tem efeitos sobre a forma de circulação de opiniões e avaliações morais.

### “Mexer com gente”

Como já dito, os cafeicultores evitam o quanto podem “mexer com gente”, atividade para a qual preferem acionar os *gatos*. Os *gatos* em geral consideram pejorativa essa denominação e preferem se autocaracterizar como *empreiteiros* ou *fiscais*, ou simplesmente definir sua atividade como *mexer com turma*. Invariavelmente já foram apanhadores de café, e alguns voltarão a ser, porque, se há os que conseguem viver permanentemente disso, vários outros *mexem com turma* durante algum tempo e depois deixam essa atividade em função de maus resultados financeiros e/ou do desgaste moral que essa função ocasiona. Os *gatos* fazem parte basicamente do mesmo universo social que os trabalhadores, e, ainda que os mais bem-sucedidos sejam figuras em processo de enriquecimento, a maioria mora nos bairros de trabalhadores.

O ideal do *gato* é não ter que procurar nem os trabalhadores nem os fazendeiros, e ser por eles procurado. Para isso, é essencial fazer *nome*. Ser

*gato* coloca em risco, por definição, a reputação: há certo senso comum de que *gatos ganham nas costas dos outros*. Eles são alvo de desconfiança generalizada e ameaças explícitas ou implícitas (por exemplo, um *gato* que contou que certo dia encontrou sua caminhonete apedrejada, e circulam narrativas de *gatos* que sofrem ameaças e espancamentos). Os saberes que o *gato* precisa ter para conseguir construir um bom *nome* foram expostos em algumas das entrevistas feitas por Novaes:<sup>12</sup> ele precisa saber avaliar técnica e moralmente os trabalhadores com rapidez e precisão: distinguir *trabalhadores* de *preguiçosos*, *honestos* de *desonestos*, *bandidos* de *trabalhadores*, os que *sabem fazer a apanha* e os que não sabem. Precisam ter *jogo de cintura* e *saber pedir* tanto aos fazendeiros como aos trabalhadores – no caso dos fazendeiros, precisam saber negociar preço; no caso dos trabalhadores, disciplinar o trabalho; devem saber *fiscalizar*, ou seja, perceber quando o trabalho está sendo bem-feito, e saber fazer isso sem ser percebido para não ser enganado; precisam saber apartar brigas e discussões, pacificar a *turma*. Em suma, precisam conseguir ser *respeitados* pelo fazendeiro bem como por sua turma, mostrando sempre a sua *responsabilidade* e o modo pelo qual *cuidam de sua turma* e *sabem ouvir os dois lados*.

O *gato* precisa fazer isso tudo em um ambiente de forte concorrência. Eles concorrem entre si pelas fazendas e pelos trabalhadores, especialmente os que têm fama de bons trabalhadores (individualmente ou em grupo). Lidam com um ambiente em que outro *gato* pode estar querendo *jogar para baixo* (por meio de boatos, ou pagando mais apenas para derrubar um concorrente). A relação que mantém com suas turmas é de relativa proximidade, e as rivalidades parecem de algum modo se transmitir para as turmas.

Narrativas e rumores negativos sobre *gatos* circulam com insistência: histórias de *gatos* que espancaram ou mataram trabalhadores, fugiram com o pagamento, roubaram nas contas. Não parece ser fácil a tarefa de construir uma reputação positiva ao *mexer com turma*. Ao mesmo tempo, falar sobre os *gatos*, ou os *gatos* falarem sobre sua atividade, é também realizar uma reflexão e julgamentos sobre a natureza moral dos trabalhadores e dos cafeicultores, individualmente e como categoria.

<sup>12</sup> NOVAES, Roberta, op.cit.

## Considerações finais

Políticas públicas, estratégias empresariais, dinâmicas do mercado de *commodities* e transformações tecnológicas estão sem dúvida na raiz da atual configuração social dessa e de outras regiões comparáveis. Porém, uma imagem mais completa e complexa dos processos sociais em curso deve incorporar outras dimensões. Na cafeicultura, por exemplo, setor localmente mais destacado na implementação de um mundo agrícola moderno e em larga escala, fortemente integrado ao mercado internacional e respaldado por políticas do governo, encontramos alguns agentes que, mais do que apenas centrados em responder a incentivos de mercado, realizar cálculos propriamente econômicos, incorporar tecnologia ou reivindicar políticas favoráveis, estavam muito preocupados, interessados ou às vezes mesmo atormentados por questões morais, que por vezes assumiam também um tom religioso. Diante do pesquisador, em muitos momentos pareciam espontaneamente mais preocupados em justificar moralmente sua vida e a narrar histórias ressaltando seu significado ético do que em explicar seus problemas técnicos ou econômicos ou criticar as políticas do governo (ainda que tudo isso certamente tenha aparecido, às vezes com força e predominância).

Apresentar-se como pai de família exemplar ou filho de um pai exemplar e que tenta passar o exemplo adiante para o seu próprio filho; ou como alguém que se preocupa em permanentemente “ir para frente”, numa situação em que “ficar como está já é cair”, para que os filhos não tenham que enfrentar essa “queda”; ou ainda explicar que sua riqueza é fruto da graça de Deus e com isso justificar seja seu sossego relativo, seja sua aparente ambição; ou lembrar que foi a união da família em torno do pai que permitiu enfrentar momentos de humilhação (tais como ter de trabalhar para os outros, ou ser desprezado por parentes em função de sua pobreza relativa); ou ironizar moralmente os “grandes” notáveis do lugar ou os exibidos que “querem ser mais do que os outros”, ou os que apostam excessivamente na especulação com o preço; tudo isso aponta para um mundo no qual estão em jogo questões éticas mesmo nos assuntos aparentemente mais “técnicos” ou “econômicos”. Do mesmo modo, uma perspectiva sobre o mercado de trabalho ou sobre a adoção de tecnologias teria muito a ganhar ao levar em conta o enquadramento moral

que tais questões podem receber nesse universo social. Enquadramento moral este que se faz a partir dos eventos ou encontros constitutivos da sociabilidade local.

Nesse sentido, parece-me interessante pensar em “moralidades” ou em sensibilidades morais como sendo produzidas, cultivadas e transformadas nesses eventos cotidianos, tanto nas festas em família como nas visitas, nas fofocas dos técnicos das revendas ou na decisão de comprar terras ou de mudar de cidade. Conforme sugerido por Lambek,<sup>13</sup> “mais do que tentar localizar e especificar um domínio da ética, nós precisamos esclarecer e aprofundar nosso entendimento da qualidade ou dimensão ética de todo o leque de ação e prática humanas”. Ao mesmo tempo, conforme sugere Keane,<sup>14</sup> há contextos que favorecem ou requerem elaboração de razões ou justificativas, o que é em si uma prática que requer certas competências ou capacidades de objetificação. Alguns desses contextos podem parecer muito prosaicos e algumas dessas capacidades, muito ordinárias, mas talvez uma atenção cuidadosa revele aí buscas, mais ou menos disciplinadas, menos ou mais felizes e reconhecidas, por virtudes e excelências, ainda nem sempre mutuamente compreensíveis entre os diferentes atores.

<sup>13</sup> LAMBEK, Michael. “Introduction.” In: \_\_\_\_\_ (org.). *Ordinary Ethics: Anthropology, Language and Action*. Nova York: Fordham University Press, 2010.

<sup>14</sup> KEANE, Webb. “Minds, Surfaces and Reasons in the Anthropology of Ethics.” In: Lambek, Michael (org.). *Ordinary Ethics: Anthropology, Language and Action*. Nova York: Fordham University Press, 2010.